

ESCOLA VIVENCIAL

CURSILHO DE CRISTANDADE



DIOCESE DE PIRACICABA

2019

ESCOLA VIVENCIAL

MARÇO/ABRIL DE 2019

MENSAGEM DO ANIMADOR

“Se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é inútil e também é inútil a vossa fé.” (ICor 15,14).

Como é bom celebrar a nossa fé. Acreditamos no Cristo, vivo e presente entre nós e celebramos essa presença. Celebrar o mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus tem um papel primordial em nossa vida cristã, sobretudo como cursilhistas. A Páscoa é o centro da nossa vida cristã. Como disse o Papa Emérito Bento XVI: *“O acontecimento da morte e ressurreição de Cristo é o coração do Cristianismo, o ponto central e fundamental da nossa fé, o poderoso impulso da nossa certeza, o vento forte que afugenta toda a angústia e incerteza, a dúvida e o calculismo humano.”* (Bento XVI, discurso – 19.10.2006).

O Mistério pascal, portanto, é ponto central de nossa fé, pois através deste acontecimento, a comunidade cristã tem a certeza de que não caminha sozinha, ela tem a presença constante de Jesus. Essa presença, no entanto, deve ser assumida em nossa vida sacramental, vivendo o múnus batismal e participando do mistério eucarístico; sinais sensíveis e visíveis da presença do Cristo Vivo e presente em nossas vidas.

A cada encontro do Cursilho, deve-se ficar muito claro este ponto fundamental de nossa fé. Se cada homem, mulher e jovem que participa de cada encontro do Cursilho, compreender, celebrar e rezar sobre o mistério pascal, já estaremos anunciando o que existe de mais essencial para a fé.

Por isso, partindo de nossa vida, vamos com intensidade nos preparar de modo adequado na quaresma; viver a cada momento do Tríduo Pascal e intensificar nossas orações pedindo ao Senhor a mesma súplica dos discípulos de Emaús, após a Ressurreição de Jesus: *“Fica conosco Senhor!”* (Lc 24,29) Que Deus abençoe todos os cursilhistas!

Uma Feliz Páscoa a todos!



Pe. Danilo Rubia Soares

*Reitor do Seminário Propedêutico Imaculada Conceição
Assessor Eclesiástico diocesano do Cursilho de Cristandade*

ESCOLA VIVENCIAL

MARÇO/ABRIL DE 2019

1ºTEMA: TEMPO QUARESIMAL



O que é a Quaresma?

“Da Quarta-feira de Cinzas até a Missa da Ceia do Senhor, exclusive. É o tempo para preparar a celebração da Páscoa. “Tanto na liturgia quanto na catequese litúrgica esclareça-se melhor a dupla índole do tempo quaresmal que, principalmente pela lembrança ou preparação do Batismo e pela penitência, fazendo os fiéis ouvirem com mais frequência a palavra de Deus e entregarem-se à oração, os dispõe à celebração do mistério pascal.””¹²

QUARESMA, CAMINHO PARA A PÁSCOA.

Tempo de graça.

Quando os anciãos falam da quaresma de seus velhos tempos, aparecem recordações de “medo”, “sermões terrificantes” e outras práticas nada atraentes para o homem.

Não obstante, a quaresma da liturgia renovada mostra-se apaixonante. Porque ela nos ajuda:

- a encontrar-nos e recompor-nos a nós mesmo.

¹ Cf. Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*, 23.

² CNBB. Guia Litúrgico-Pastoral. Brasília-DF: Edições Cnbb, 2017. p. 20-21.

- a buscar o sentido autêntico que preencha a nossa vida;
- a transformar-nos com Cristo em homens novos envolvidos na incrível tarefa de tornar a sociedade um mundo novo.

E isso implica um empenho impressionante, que é, além disso, o empenho de Deus. Ele nos concede este tempo totalmente positivo de graça, misericórdia, projetos e alegrias.

O deserto e os quarenta dias.

A liturgia apresenta a quaresma com um simbolismo genial:

- Chama-nos ao “deserto”. Quando quer algo importante de alguém, Deus o leva ao deserto: silêncio, sossego, recolhimento...Frente a frente consigo mesmo – em busca de *identidade* -, com Deus – transcendência – e com o povo ao qual será enviado para uma missão – solidariedade.

- *Quarenta dias*. O número quatro seguido de zeros significa na Bíblia uma situação difícil do homem tentado, ou a preparação para uma missão importante. Quarenta dias do dilúvio, quarenta anos de Israel a caminho para a terra prometida e quarenta dias de Jesus no deserto são exemplos significativos. Na quaresma (quarenta dias), Deus nos chama a uma tarefa fundamental.

A páscoa como meta.

A quaresma é um caminho que conduz a uma meta: *a páscoa do Senhor*: morte e vida, cruz e ressurreição. O final mostra-se subjungante: ser homens novos, identificados com Cristo ressuscitado. O caminho, o mesmo que o seu: “Vejam: estamos subindo para Jerusalém, onde o filho do homem há de padecer e morrer” (Lc 18,31-33). Morrer para o nosso homem velho. Cristo nos acompanha e anima com seu anúncio irrefutável: “No terceiro dia ressuscitarei”.

A penitência como conversão.

Desta perspectiva, o esforço no sentido de despojar-nos de nosso homem pecador, o ir morrendo para o egoísmo e para nosso orgulho, bem como o corajoso empenho em seguir os passos de Jesus, constituem a verdadeira *penitência quaresmal*.

Os outros sinais penitenciais – sacrifícios, privações...- serão verdadeiros enquanto “signifiquem” esse esforço. Essa é a dimensão quaresmal de: oração-jejum e esmola: união com Deus- união com Cristo redentor- união com os irmãos.

A penitência como sacramento.

Encontramos um momento culminante desta tarefa de mudança radical no sacramento da penitência. Nele, o Senhor nos introduz de tal modo em sua páscoa, que transforma nossas tentativas em realidade de amor e de perdão, de graça e de conversão. É a volta à casa do Pai e à comunhão com os irmãos e com a igreja.

Deste último aspecto e das *formas de celebração* se ocupa o capítulo *Penitência* da quarta parte. Adiantemos que a quaresma é o tempo para *celebração comunitária da penitência*, que deve ser preparada com o maior esmero.

Para pensar a Quaresma....

Sugestões para programar uma quaresma sugestiva para o homem atual - Pensar em uma perspectiva quaresmal em que esteja relacionada as obras de Misericórdias Corporais e as obras de Misericórdia Espirituais.

QUARESMA: ORIGEM E MENSAGEM.

Origem da quaresma.



Durante o século IV, organizava-se um tempo de preparação para o batismo (catecumenato) que chegava a durar até três anos. Tratava-se de remediar a situação criada depois da paz de Constantino (313): uma infinidade de “batizados” por conveniência ou decreto, mas poucos “cristãos” convictos. A parte final do catecumenato era constituída por essa preparação pascal que se estabeleceu em quarenta dias, motivo pelo qual recebeu o nome de quaresma.

Quase de modo imediato, uniram-se a esta etapa quaresmal os *penitentes públicos* que iam receber o perdão na Quinta-feira Santa, e o *povo fiel* que desejava renovar suas promessas batismais.

No final do século V, a quaresma tem início na *quarta-feira de cinzas* com uma dupla apresentação: a dos “eleitos” ao batismo e a dos penitentes, aos quais se impunham as *cinzas* como sinal do começo de seu processo de conversão. Quando se perdeu o uso da penitência pública, todo o povo cristão se se aproximava para receber as cinzas, e no século XI o papa Urbano II ratificou este rito para toda cristandade.

Quando se celebra hoje a quarta-feira de cinzas, deverá aparecer a dimensão fascinante desse tempo de graça.

Dimensão batismal da quaresma.

A realidade batismal constitui a razão de ser da quaresma. Esta deseja que passemos com Cristo da morte à vida. E como repete São Paulo nas leituras desse tempo: “O batismo incorpora-nos a Cristo, à sua morte e ressurreição”.

A igreja prepara a páscoa para celebrá-la com os novos filhos que receberão o *batismo*, com os filhos renascidos no batismo pela *reconciliação*, bem como com os filhos que *renovam seus compromissos batismais*. Assim começou a quaresma e assim continua ela hoje.

Programação catequética das leituras.

A renovação litúrgica pós-conciliar recuperou o catecumenato e propõe verdadeiras catequeses batismais nas leituras da quaresma, embora com diferentes perspectivas para cada ciclo, que podemos resumir assim:

- Ciclo A: o batismo;
- Ciclo B: a aliança;
- Ciclo C: a conversão.

À guisa de orientação, sugerimos os seguintes temas:

- Primeiro domingo: quarenta dias de Cristo no deserto. Tentações.
 - A: em busca da identidade cristã
 - B: Deus, nosso aliado.
 - C: optamos por Deus.
- Segundo domingo: a transfiguração.
 - A: chamados a ser transfigurados.
 - B: o selo da aliança.
 - C: aprender a olhar mais alto.
- Terceiro domingo: a samaritana (pode ser lida nos três ciclos).
 - A: a água viva.
 - B: uma aliança libertadora
 - C: o processo de conversão.
- Quarto domingo: pode se ler o evangelho do cego nos três ciclos.
 - A: a luz da fé.

- B: até onde Deus nos ama ao selar sua aliança.
- C: a festa da reconciliação.

- Quinto domingo: a ressurreição de Lázaro pode também ser lida nos três ciclos.

- A: a vida do Espírito que vivifica
- B: a nova e definitiva aliança
- C: pessoas novas.

- Domingo de Ramos: Cristo, aclamado como messias e Senhor. Senhor da vida e da morte, entrega-se voluntariamente, mas na cruz triunfa e restaura seu reino de vida. Convém introduzir aclamações na leitura da paixão.

A procissão, celebrada em Jerusalém no século IV, foi introduzida mais tarde na Espanha e na França (século VII) e, no século X, em Roma.

Pensar na quaresma...

Fazer um exame de consciência a partir das obras de misericórdia.

Obras de Misericórdia Corporais

1. *Dar de comer a quem tem fome;*
2. *Dar de beber a quem tem sede;*
3. *Vestir os nus;*
4. *Dar pousada aos peregrinos;*
5. *Assistir aos doentes;*
6. *Visitar os presos;*
7. *Enterrar o mortos;*

Obras de Misericórdia Espirituais

1. *Dar bom conselho;*
2. *Ensinar os ignorantes;*
3. *Corrigir os que erram;*
4. *Consolar os tristes;*
5. *Perdoar as injúrias;*
6. *Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo;*

2ºTEMA: CAMPANHA DA FRATERNIDADE

O QUE É?

- ✓ A cada cinco anos, a CNBB promove a Campanha da Fraternidade de forma ecumênica, em conjunto com outras denominações cristãs.

- ✓ Desde 1964, a CNBB propõe um tema relevante para a sociedade brasileira refletir e engajar-se durante a Campanha da Fraternidade.

- ✓ A Campanha da Fraternidade busca educar o cristão para a vida em fraternidade, com base nas exigências do Evangelho: a justiça e o amor.

- ✓ A CNBB costuma realizar um concurso anual para escolher o hino da CF, de acordo com o tema do ano. Em alguns anos, acontece também um concurso para escolher o cartaz da campanha.

- ✓ O gesto concreto da CF se expressa na Coleta da Solidariedade, realizada no Domingo de Ramos.

- ✓ Os recursos arrecadados na coleta são destinados para projetos sociais, que trabalham pela evangelização e a promoção da dignidade dos pobres.

- ✓ A campanha já nos convidou a refletir, ao longo dos anos, sobre 55 temas, escolhidos a partir da realidade socioeconômica e política brasileira.

- ✓ Todos os anos, a Campanha da Fraternidade tem início oficialmente na Quarta-feira de Cinzas.

✓ A CF utiliza o método ver, julgar, agir para conduzir os cristãos a uma reflexão baseada no estudo da realidade a partir do tema do ano e sugerir ações que busquem transformar situações.

✓ As dioceses de todo o Brasil se mobilizam em cursos e formações para estudo do texto-base, buscando a melhor forma de utilizar as diversas peças da Campanha.

Campanha da Fraternidade 2019

FRATERNIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS



14 DE ABRIL
Coleta Nacional da Solidariedade
Domingo de Ramos



3ºTEMA: SEMANA SANTA

DOMINGO DE RAMOS



“No **Domingo de Ramos da Paixão do Senhor**, a Igreja entra no mistério do seu Senhor crucificado, sepultado e ressuscitado, o qual, ao entrar em Jerusalém, preanunciou a sua majestade. Os cristãos levam ramos em sinal do régio triunfo, que, sucumbindo na cruz, Cristo alcançou. De acordo com a palavra do Apóstolo: ‘Se com ele padecemos, com ele também seremos glorificado’ (Rm 8,17), deve-se, na celebração e catequese deste dia, salientar o duplo aspecto do mistério pascal.”³

O TRÍDUO PASCAL.

Festa anual da páscoa.

Não se pode precisar, mas deve ter sido no século II que, além de continuar celebrando o “primeiro dia da semana” como “o dia do Senhor”, se procurou solenizar de um modo especial dentro do ano o domingo concreto que coincidia com a Páscoa da ressurreição: isto é, o primeiro domingo depois da Páscoa judaica, que coincidia com a lua cheia de primavera e na qual Cristo celebrou a última ceia na véspera de sua morte e três dias antes de ressuscitar.

O tríduo pascal.

No final do século IV, encontramos já organizado um *tríduo pascal*, que Santo Agostinho recomenda vivamente a seus fiéis.

Formavam em princípio o tríduo: a sexta-feira, o sábado e o domingo. É no século VII que o tríduo se inicia com a “Ceia do Senhor” na tarde da quinta-feira, com o que fica constituído pela quinta-feira, pela sexta-feira e pelo sábado- aí incluída a Vigília pascal.

As três datas formam uma unidade: a celebração do mistério pascal. Com o tempo vai-se perdendo essa perspectiva e cada celebração se torna independente e se carrega de aspectos secundários.

³ Cf. Cerimonial dos bispos, nº 263.

MISSA DA CEIA DO SENHOR

Quinta feira santa

Na manhã desse dia, celebrava-se a reconciliação dos penitentes. Depois se incorporou a *missa crismal* em que o bispo consagra os santos *óleos* e o *crisma* para diversas celebrações dos sacramentos.

Missa vespertina da ceia do Senhor: com ele tem início a celebração da *páscoa* cristã. O Senhor celebrara com os seus a última ceia no contexto da páscoa judaica: a comemoração da *passagem* de Israel pelo mar Vermelho. Nesse dia, Cristo inaugura a *nova páscoa*, da aliança nova e eterna, a de seu pão compartilhado e seu sangue derramado, a de seu amor levado ao externo e do mandato do amor para nós, a de sua passagem pela morte e ressurreição, a páscoa que devemos celebrar em sua comemoração.

Eucaristia, sacerdócio, mandato de amor e nova páscoa do Senhor são conteúdo precioso da missa da Ceia do Senhor.

O transporte das formas consagradas à urna para a comunhão da sexta-feira não aparece senão no século XIII. O “monumento” é um elemento acidental e só tem sentido em vinculação com o mistério celebrado: agradecimento ao amor de Cristo e oração-reflexão do mistério pascal.



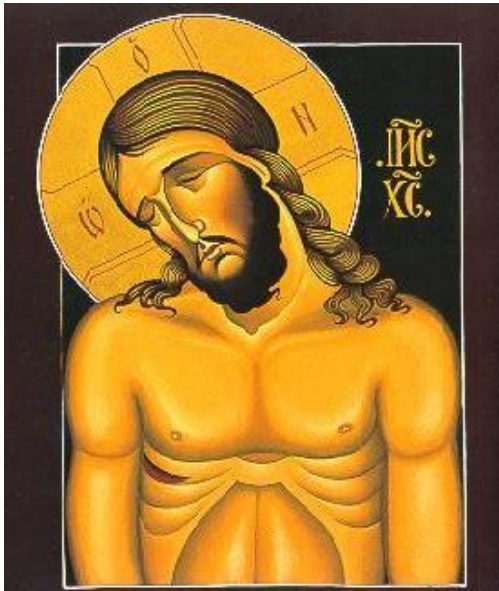
“Nesta Missa, que se celebra na tarde da Quinta-feira Santa, a Igreja dá início ao sagrado Tríduo Pascal e propõe-se comemorar aquela última ceia no qual o Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue, tendo amado até o fim os seus que estavam no mundo, ofereceu a Deus Pai o seu Corpo e Sangue sob as espécies do pão e do vinho,

e os entregou aos Apóstolos para que os tomassem, e lhes mandou, a eles e aos seus sucessores no sacerdócio, que os oferecessem também”.

“Nesta Missa, faz-se, portanto, memória: da instituição da Eucaristia, memorial da Páscoa do Senhor, na qual se perpetua no meio de nós, através dos sinais sacramentais, o sacrifício da nova Lei; da instituição do sacerdócio, pelo qual se perpetua no mundo a missão

e o sacrifício de Cristo; e também da caridade com que o Senhor nos amou até a morte. ” (cf: Cerimonial dos Bispos, nº 297)

SEXTA-FEIRA SANTA



Talvez seja o dia que mais sofreu a desagregação a que fazíamos referência, tendo o sentimento primazia sobre o mistério. A renovação litúrgica restituiu-lhe sua autenticidade. Como vem acontecendo há muito tempo, hoje não se celebra a missa, tendo lugar a *celebração da morte do Senhor*: o mistério que é celebrado é uma cruz dolorosa e sangrenta, mas ao mesmo tempo vitoriosa e resplandecente. Trata-se de morte, a de Cristo, real e tremenda; mas é passagem de uma vida ressuscitada e eterna. O amor de Deus, que é vida, terá mais poder do que o pecado do homem, que é morte. A celebração incorpora-nos à redenção de Cristo e a seu mistério de salvação universal: pela morte e vida.

- **Rito inicial**: a entrada em silêncio dos ministros e o primeiro gesto da assembleia ajoelhar-se são sinal mais expressivo da seriedade e transcendência desta celebração.

- **Liturgia da Palavra**: o ponto culminante é constituído pela leitura da paixão segundo São João, que é reservada para este dia. Escutamo-la em silêncio sacrossanto e nos ajoelhemos no momento da morte do Senhor.

- **Oração universal**: Cristo morre pela salvação de todos. Por isso, nossa oração, avalizada por seus méritos, é universal.

- **Adoração da cruz**: mostra-se a cruz elevando-a: o Senhor disse que seria ‘elevado’ para a salvação do mundo. Somos exortados a olhá-la: “Olhem a árvore da cruz”, o que supõe contemplarmos aniquilados o mistério. Nossa resposta é a adoração: de prostração aniquilada e agradecida ao mistério do “amor de Cristo levado ao extremo” e de aclamação, porque cremos em seu triunfo salvador.



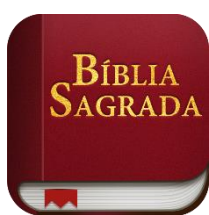
- Comunhão: (pão eucarístico reservado no monumento): comungamos com o mistério da cruz que nos salva, com o mistério da cruz na qual sofrem e morrem nossos irmãos, os homens, e com o mistério de nossa cruz que unida à do Senhor, deve ser redentora.

- Despedida: o silêncio é a chave de ouro da celebração, procissões, sermões, vias-sacras, imagens...Precisa-se de catequese paciente, mas insistente para vinculá-las com o mistério pascal.

Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo

“Neste dia, em que ‘Cristo nossa Páscoa foi imolado’, torna-se clara realidade o que desde há muito havia sido prenunciado em figura e mistério: a ovelha verdadeira substitui a ovelha figurativa, e mediante um único sacrifício realiza-se plenamente o que a variedade das antigas vítimas significava. ”

“Ao contemplar Cristo, seu Senhor e Esposo, a Igreja comemora o seu próprio nascimento e a sua missão de estender a todos os povos os salutares efeitos da Paixão de Cristo, efeitos que hoje celebra em ação de graças por Dom tão inefável. ” (Cf.: Cerimonial dos Bispos, nº 312)



O que nos diz a Bíblia?

A carta de São Paulo aos Filipenses nos ajuda a compreender o esvaziamento de Cristo na Cruz e o sentido disso para as nossas vidas.

(Fl 2,5-11)

“Haja entre nós o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus. Ele, existindo em forma divina, não se apegou ao ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se semelhante ao ser humano. E encontrado em aspecto humano, humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte – e morte de cruz! Por isso, Deus o exaltou acima de tudo e lhe deu o Nome que está acima de todo nome, para que, em o Nome de Jesus, todo joelho se dobre no céu, na terra e abaixo da terra, e toda língua confesse: “Jesus Cristo é o Senhor”, para a glória de Deus Pai.”

A Cruz de Cristo e a nossa cruz

“Na Sexta-feira da Paixão e Morte de Jesus, como o próprio nome já diz, celebramos sua entrega voluntária e amorosa por causa do Reino de Deus e por fidelidade e coerência, amor, liberdade e confiança. Mas por que Jesus morre? Que sentido tem seu sofrimento e sua morte? E por que celebramos esse acontecimento?

Jesus morre porque transgride dois princípios que regiam a sociedade e a religião de seu tempo: ele se afirmar rei e se firma igual a Deus. Quando se afirma como rei Jesus vai contra o império romano e contra o imperador. Quando se afirma como Deus, Jesus vai contra a religião do seu tempo e por esses dois motivos recebe do tribunal humano a sentença de morte. Segundo os homens, ele não merece viver, pois contrariou normas muito importantes. Morte, segundo as leis de seu tempo, justamente. É uma morte exemplar de quem não respeitou as regras sociais e religiosas.

Mas a morte em si mesma não tem sentido. Jesus, condenado pelo tribunal humano, é absolvido pelo tribunal divino. Sua vida, sua missão e sua obra agradam a Deus. Ele cumpre em sua vida tudo o que Deus lhe confiou como missão. Para Deus, Jesus merece viver.

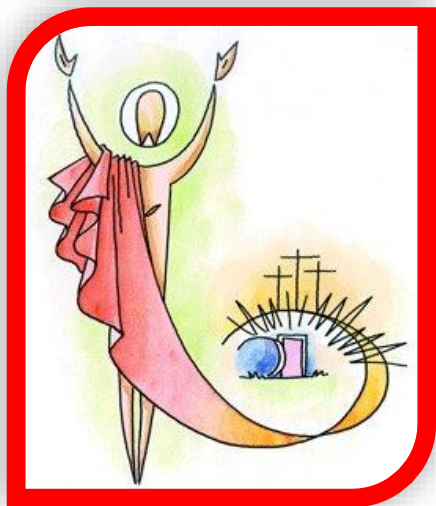
Sua morte não é em vão e sua vida é exemplar porque viver como Jesus agrada a Deus. Por isso Deus o ressuscita dos mortos. A ressurreição é o Sim de Deus, como sentença de vida definitiva.

Na liturgia da sexta-feira da Paixão e Morte do Senhor, não celebramos a morte simplesmente. Celebramos a vitória daquele que viveu e morreu exemplarmente e por isso agradou a Deus. O beijo que damos na cruz, chamado de adoração (ad oris = pela boca), tem sentido de comunicação do mesmo espírito que levou Jesus a enfrentar a morte digna e corajosamente, sabendo-se fiel ao Pai. Recebemos de Jesus a mesma força e coragem para enfrentarmos as nossas cruzes e a capacidade de descobrir nelas a semente da ressurreição que toda morte esconde.

A morte de Jesus é uma decisão voluntária: ele dá sua vida livremente. O Pai não quer a morte do Filho, mas aceita sua oferta livre e responsável pela salvação do mundo. Sua entrega

é compensada com a vida plena na ressurreição. (Cf. Pe. Francisco Taborda, Revista de Espiritualidade Inaciana)

A VIGÍLIA PASCAL



A festa da ressurreição não tardou a ser precedida de uma *vigília* de preparação durante toda a noite anterior. Contamos com documentos do início do século III que apresentam alguns elementos dessa celebração, como jejum, oração, eucaristia; até batismo, com a benção da “fonte batismal”.

Vão-se acrescentando depois novos elementos: o canto do *exultet* ou *angélica*, que vemos documentado no século IV; a benção do círrio pascal, no século V... Pouco a pouco, foi-se enriquecendo esta última, que deve ser “a celebração das

celebrações” para o cristão, e que Santo Agostinho denominava “Mãe de todas as vigílias”.

Partes da celebração:

- **Festa da luz:** benze-se o fogo novo e se acende com ele o círrio pascal, símbolo da nova vida de Cristo ressuscitado. Solene procissão de acolhida e aclamação ao círrio, que culmina com o canto vibrante do *Exultet* e pregão pascal.

- **Liturgia da Palavra:** proclama as maravilhas de Deus ao longo da história. Propõem-se nove leituras: sete do Antigo Testamento com os salmos responsoriais correspondentes e duas do Novo (epístola e evangelho). Dever-se-ão saber adaptar à assembleia tanto o número como a escolha das leituras. De todo modo, deve-se proclamar sempre a da passagem do mar Vermelho.

Momentos exultantes são o canto da glória e do aleluia, que precede o evangelho da ressurreição.

- **Liturgia batismal:** é o grande momento esperado: renascer com Cristo pelo batismo ou renovar nossas promessas batismais e, através delas, nossa incorporação ao Senhor.

- **Liturgia eucarística:** comungamos com o corpo e o sangue do Senhor, com seu sacrifício até a morte e com a sua ressurreição.

Solene Vigília Pascal

“Segundo antiquíssima tradição, esta noite deve ser comemorada em busca em honra do Senhor, e a Vigília que nela se celebra, em memória da noite santa em que Cristo ressuscita, deve considerar-se mãe de todas as santas Vigílias’, pois, nela, a Igreja mantém-se de vigia à espera da Ressurreição do Senhor, e celebra-a com os sacramentos da intuição cristã. ” (cf.; Cerimonial dos Bispos, nº 32)

Para refletir em grupos...

1. Que aspectos mais importantes do tríduo pascal devemos ressaltar em nossa comunidade?
2. O que significa cada celebração do Tríduo Pascal?
3. O que a celebração da Ceia do Senhor significa para a nossa fé cristã?
4. Como podemos perceber a participação da comunidade nas celebrações do Tríduo Pascal?
5. O que significa a Vigília da Pascoa para a nossa fé cristã?

A CINQUENTENA PASCAL.

Origem



Seguindo os passos de Cristo ressuscitado assinalados nos evangelhos e nos Atos dos Apóstolos, cedo se prolonga a páscoa até a Ascensão, sendo ela concluída com a vinda do Espírito Santo no Pentecostes (“aos cinquenta dias”).

No século III, conhece-se já a celebração da “cinquentena pascal”. É no século IV sabe-se da “oitava pascal” para festejar e acolher na comunidade os recém-batizados.

Domingo da ressurreição.

Forma um todo com a vigília pascal. É o seu ponto culminante. Continuamos com a festa da luz: preside-nos o círio pascal. Entoamos o aleluia exultante. Do mesmo modo, é enfatizada a unidade de todo o mistério da páscoa: o Cristo ressuscitado é quem morreu e venceu a morte.

Conteúdo dos domingos de páscoa.

A partir do relato da ressurreição, os domingos de páscoa vão seguindo os passos do Ressuscitado e seus encontros com os apóstolos: Emaús, Cenáculo, Tomé, pesca no lago. O quarto domingo apresenta a figura do Bom Pastor, o quinto fala de Cristo caminho, videira, ou do mandamento do amor. E o sexto oferece o discurso de despedida do Senhor.

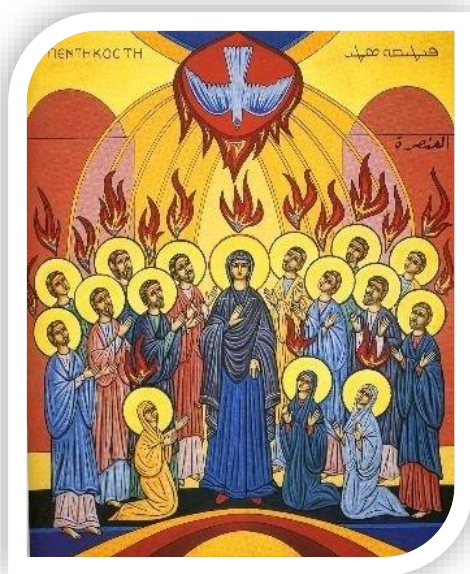
Da forma simultânea, a leitura dos Atos dos Apóstolos e das primeiras comunidades.

A ascensão do Senhor.

A ascensão é o ponto culminante da páscoa, a passagem à glorificação plena: morte-ressurreição-ascensão. O Evangelista Lucas dá-nos uma valiosa catequese: se a ressurreição fora o momento crucial, a ascensão é o momento culminante da história da salvação. Cristo é levado à plenitude de sua vitória à direita do Pai. É constituído Kyrios, Senhor de toda a criação.

Os apóstolos, plenos de Espírito, serão suas testemunhas “até que volte...” (At 1,1-11).

PENTECOSTES.



“Aos cinquenta dias.” É a festa:

- Do *Espírito Santo*: cujo alento fecundou a criação, cuja força fecundou Maria, cujo poder ressuscitou Cristo, cujo impulso põe em movimento a Igreja, cujos dons confirmam como testemunhas de Jesus os apóstolos e os fiéis, cuja santidade perdoa os pecados e edifica a comunhão dos santos.

- Da *Igreja*. Nascida do lado de Cristo na cruz, alcança com o Espírito Santo a sua maturidade e começa a sua missão de tornar presente o Senhor e perpetuar a sua obra de salvação.

- Das *testemunhas de Cristo*: os apóstolos e todos nós seguimos Jesus. O Espírito Santo confirma-nos na tarefa de dar testemunho do Senhor, morto e ressuscitado.

Depois da benção ao povo, paga-se o círio pascal. O “envio” deve assumir hoje seu sentido mais autêntico. Somos enviados a continuar a obra de Jesus: é “nosso tempo”

Como um eco das festas concluídas, e à guisa de resumo, a liturgia propõe, para os dois domingos seguintes, a festa da Santíssima Trindade – Deus é comunidade de amor: a salvação é fruto do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo – e a festa do Santíssimo Corpo de Cristo, agora no domingo, memorial permanente da páscoa do Senhor.

Para partilhar em grupos....

Como viver a celebração de pentecostes em nossa vida, no movimento do Crusilho de Cristandade e na comunidade paroquial?

O que significa o tempo da páscoa para a nossa vida cristã?

Em que devemos melhorar nossas celebrações do tempo pascal?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BIBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2018.

CNBB. Texto-base. Campanha da Fraternidade 2019. Fraternidade e Políticas Públicas. Brasília-DF: Edições Cnbb, 2018.

_____. Diretório Litúrgico 2019. Brasília-DF: Edições CNBB, 2018.

_____. Cerimonial dos Bispos. Brasília-DF: Edições CNBB, 2000.

MADURGA, Joaquim. Celebrar a Salvação: Iniciação à Liturgia. São Paulo, Paulus, 1999.

